



A escolha de Pedro Lessa: João Francisco Lisboa, o historiador patriótico

ALINE MICHELINI MENONCELLO*

João Francisco Lisboa nasceu no Maranhão em 1812 e viveu até 1863, morrendo em Lisboa. Conhecido pela historiografia como jornalista e historiador, pois foi por meio de diversos periódicos – *O Brasileiro*¹, *Farol Maranhense*², *Eco do Norte*³, *Crônica Maranhense*⁴, *Publicador Maranhense*⁵ e *Jornal de Timon*⁶ – que ele expressou sua opinião, criticou a política e desenvolveu o pensamento filosófico e histórico. E, ainda, escreveu duas biografias, uma de Manoel Odorico Mendes⁷ e outra do Padre Antônio Vieira⁸. Reconhecido por seus contemporâneos, Lisboa tornou-se patrono da cadeira de número 18 da Academia Brasileira de Letras (ABL) e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) (JANOTTI, 1977).

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da UNESP/Assis-SP, sob orientação do Prof. Hélio Rebello Cardoso Junior, financiado pela CAPES.

¹ João Francisco Lisboa criou o jornal *O Brasileiro*. O periódico teve apenas 13 números publicados entre 23 de agosto de 1832 e 16 de novembro do mesmo ano (JANOTTI, 1977).

² José Candido de Moraes e Silva (1807-1832) foi o primeiro redator de *Farol Maranhense* entre 1827 e 1831. Ele publicava artigos lamentando a falta de interesse da população maranhense pelos estudos, criticando a administração pública e, ainda, combatendo os outros periódicos locais (MADUREIRA, 2009). José Candido foi perseguido, fugiu de São Luís em 1831 e faleceu no ano seguinte. João Francisco Lisboa deu continuidade ao *Farol Maranhense* entre 1832 e 1833 (JANOTTI, 1977).

³ João Francisco Lisboa afastou-se alguns meses do jornalismo e retornou ao ofício em junho de 1834 com o jornal *Eco do Norte*, que ficaria em circulação até novembro de 1836 (JANOTTI, 1977).

⁴ João Francisco Lisboa cria em janeiro de 1838 a *Crônica Maranhense*, que durou até dezembro de 1840 (JANOTTI, 1977).

⁵ João Francisco Lisboa foi redator de *Publicador Maranhense* entre 1842 e 1855 (JANOTTI, 1977). *Publicador Maranhense* ficou em circulação até 1885, a Biblioteca Nacional digitalizou o periódico, disponível em seu site: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/publicador-maranhense/720089>

⁶ *Jornal de Timon* (1852-1853 / 1858) é o periódico mais conhecido e estudado de João Francisco Lisboa (JANOTTI, 1977). José Murilo de Carvalho (1995) organizou o segundo e o terceiro folhetim de *Jornal de Timon*, nos quais Lisboa criticou o sistema político de Maranhão, denunciando a fraude, a violência, a traição e a corrupção. Joaquim de Oliveira Gomes realizou um estudo comparativo (2003) entre *Jornal do Timon* e *Incidente em Antares*, de Erico Veríssimo. Cabe ainda destacar que a Biblioteca Nacional digitalizou o periódico e o disponibiliza em seu site: <http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-timon/224588>.

⁷ João Francisco Lisboa biografou o co-provinciano e amigo Manoel Odorico Mendes (1799-1864). De acordo a historiadora Janotti (1977), os portugueses desconheciam o poeta brasileiro Odorico Mendes e, por isso, Lisboa dedicou uma biografia a ele. E, ao narrar a participação política do biografado, Lisboa fez uma análise do governo de D. Pedro I.

⁸ João Francisco Lisboa teceu duras críticas na biografia do Padre Antônio Viera (1651-1725), que se encontra inacabada, pois Lisboa morreu antes de terminá-la. Antônio Henrique Leal, o biógrafo e amigo de Lisboa, por sua vez, organizou e publicou as obras dele, incluindo a biografia do Padre Antônio Vieira (JANOTTI, 1977).

Apesar do vínculo com o IHGB, o centenário de nascimento de Lisboa não foi comemorado pelos sócios do Instituto. Talvez porque, naquele ano de 1912, estivesse repleto de conferências, discursos e elogios dedicados aos falecidos Barão de Rio Branco⁹, Visconde de Ouro Preto¹⁰ e Marquês de Paranaguá¹¹. No ano seguinte, os sócios teriam outra oportunidade para não se esquecerem de Lisboa, era o cinquentenário de sua morte. Seus confrades estavam, porém, comovidos com as perdas do ano anterior, envolvidos com o planejamento do I Congresso Nacional de História¹², empolgados com a visita do ex-presidente americano Theodoro Roosevelt¹³ e, mais uma vez, esqueceram-se de Lisboa.

A importância de João Francisco Lisboa foi lembrada, apenas, em uma rápida menção no discurso inaugural de Luís Gastão d'Escagnalle Dória¹⁴ e sua obra *Apontamentos para a História de Maranhão* serviu de referência para Clovis Bevilacqua¹⁵ exemplificar as primeiras

⁹ José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão de Rio Branco (1845-1912) foi um dos ministros mais importantes do Ministério do Estado das Relações Exteriores. Em comemoração ao centenário de morte, a Fundação Alexandre de Gusmão e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro organizaram um seminário entre os dias 8 a 10 de maio de 2012. As 25 conferências revisitaram o pensamento e a atuação do Barão de Rio Branco. Todos os textos foram reunidos em *Barão de Rio Branco: 100 anos de memória* (2012).

¹⁰ Afonso Celso de Assis Figueiredo, o Visconde de Ouro Preto (1836-1912) foi um dos políticos mais importantes durante o segundo Reinado. Por ser atuante e monarquista, após a proclamação da República, foi preso e exilado por ordens do presidente Marechal Deodoro da Fonseca. Durante o exílio escreveu um manifesto, *O Visconde de Ouro Preto aos seus concidadãos*, que foi analisado por Nárrllen Dayane Advincula-Miguel (2014).

¹¹ João Lustosa da Cunha Paranaguá, o Marquês de Paranaguá (1821-1912), dedicou 40 anos de sua vida à política brasileira durante o segundo reinado. A série *Perfis Parlamentares*, organizado pela Câmara dos Deputados, dedicou uma obra para o Marquês de Paranaguá (2009). A obra reúne o ensaio biográfico de Chico Castro e os discursos proferido pelo Marquês.

¹² O IHGB, desde o início de suas atividades, participou de alguns congressos e exposições internacionais. Em 1914 os sócios do Instituto realizaram o I Congresso Nacional História, no qual privilegiaram o recorte temporal de 1500 a 1871. O I Congresso contou com 9 seções de trabalhos (História Geral do Brasil, História das Explorações Geográficas, História das Explorações Arqueológicas e Etnográficas, História Constitucional e Administrativa, História Parlamentar, História Econômica, História Militar, História Diplomática, e História - Literária e das Artes) (GUIMARÃES, 2007: 79-94)

¹³ No dia 24 de outubro de 1913, o ex-presidente americano, Theodoro Roosevelt (1858-1919), recebeu o título de sócio honorário do Instituto e discursou sobre a importância das duas nações civilizadas, Estados Unidos e Brasil, naquele jovem continente (ACTAS DAS... 1913: 675-686).

¹⁴ No dia 16 de junho de 1912, Luís Gastão d'Escagnalle Dória (1869-1948) realizou o discurso inaugural no IHGB, em seu discurso deu ênfase a tradição de seu sobrenome naquela instituição e fez um breve balanço dos grandes historiadores do Brasil que ali estiverem, João Francisco Lisboa aparece ao lado de Varnhagen, Visconde de S. Leopoldo, Joaquim Caetano e Rio Branco (ACTAS DAS... 1912: 344). D'Escagnalle Dória foi diretor do Arquivo Nacional entre 1917 e 1922, durante esse período ele organizou e divulgou o acervo e reformou o espaço (LOURENÇO, 2014).

¹⁵ No dia 15 de julho de 1913, Clovis Bevilacqua (1859-1944) apresentou uma conferência no Instituto, *Linhas Gerais da Evolução do Direito Brasileiro* (ACTAS DAS... 1913: 542-556). Clovis Bevilacqua

organizações jurídicas no Brasil. Coube a Pedro Augusto Carneiro Lessa (1859-1921) lembrar-se de Lisboa, fora do IHGB, ao proferir uma conferência na Sociedade de Cultura Artística para alguns jornalistas e intelectuais da capital paulista.

A Sociedade de Cultura Artística foi inaugurada na noite de 26 de setembro de 1912. O primeiro sarau aconteceu no salão do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo¹⁶. Os idealizadores daquela jovem associação artística eram jornalistas, poetas e intelectuais que desejavam divulgar a arte para a sociedade paulista por meio de conferências e concertos musicais. Os conferencistas deveriam apresentar o estudo de uma importante personalidade da literatura brasileira, pois os organizadores da Sociedade afirmavam que os brasileiros liam cada vez menos e, por isso, desconheciam os autores literários (ÂNGELO, 1998).

Pedro Lessa, ainda em sua juventude, quando circulava pelos corredores da Faculdade de Direito como aluno, criou, com mais dois colegas, Alberto Salles¹⁷ e Alcides Lima¹⁸, o periódico *O Federalista*¹⁹. Divulgavam, por meio dele, ideias democráticas e afirmavam que elas só seriam consolidadas no moderno sistema republicano, e não no atrasado sistema monárquico. Por essa razão, afirmavam que era necessário desenvolver “[...] um verdadeiro repertório da atividade intelectual moderna, em sua tríplice manifestação: política, literária e científica” (in *O Federalista*, 1880: 3). Alguns anos mais tarde, Pedro Lessa circulava em outros lugares, ocupava importantes posições e havia se tornado juiz do Supremo Tribunal Federal, imortal da ABL e sócio do IHGB. Motivado, talvez, pelo genuíno interesse pela literatura ou pelo convite de algum dos organizadores da Sociedade de Cultura Artística, Pedro Lessa se inscreveu para realizar uma conferência naquela jovem instituição.

foi um jurista brasileiro, criou o código civil em 1916 e atuou como consultor jurídico do Ministério das Relações. Sua correspondência foi analisada por Vicentonio Regis do Nascimento Silva (2009).

¹⁶ O Conservatório Dramático e Musical de São Paulo foi fundado em 15 de fevereiro de 1906, com proposta de formar artistas, a instituição oferecia curso de Arte Dramática (AZEVEDO, 2006).

¹⁷ João Alberto Salles (1857-1904) foi redator de *O Federalista*, defendia as ideias republicanas e abolicionistas. Suas obras mais conhecidas são *Ensaio da moderna concepção do Direito e Ciência Política* (MARCHETTI, 2001).

¹⁸ Alcides de Mendonça Lima (1859-1935) foi redator de *O Federalista*, *A República* e *O Cidadão*. Defendia as ideias republicanas e abolicionistas. Formou-se em Direito em 1882, exerceu a função de deputado federal constituinte e juiz municipal de Pelotas. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (LIMA).

¹⁹ Pedro Lessa, Alcides Lima e Alberto Salles foram redatores de *O Federalista*, o periódico teve apenas seis números e está disponível no site da Biblioteca Nacional:

<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=825514>

A coluna *Artes e Artista* do jornal *Estado de S. Paulo* informava a programação da quarta “festa organizada pela *Sociedade de Cultura Artística*”, o maestro Agostinho Cantú²⁰ apresentaria as obras *Air de Ballet* e a *Primeira Rapsódia Brasileira* que satisfaria “[...] os mais delicados paladares artísticos”. “Além do concerto” haveria uma conferência com “o orador Sr. Dr. Pedro Lessa” que “o seu grande valor como jurista” e a sua “finíssima educação literária” dispensaria “quaisquer referências elogiosas”, e “o assunto escolhido pelo [...] ilustrado colaborador e distinto membro da Academia Brasileira não podia ser mais interessante e sedutor”. Pedro Lessa versaria “sobre o grande escritor maranhense João Francisco Lisboa, [...] quase esquecido da nossa mocidade” (in *O Estado de São Paulo*, 1913: 2).

Sabemos muito pouco sobre a festa realizada pela Sociedade de Cultura Artística naquela segunda-feira da noite do dia 31 de março de 1913. O texto de Pedro Lessa é um dos poucos rastros deixados pelo tempo, rastros que nos afastam da festividade e nos aproximam dos jogos de lembrança e esquecimento do historiador maranhense. Partindo dessa observação, e pensando com o filósofo Michel Foucault²¹, é possível indagar, primeiramente, sobre qual história, construída por João Francisco Lisboa, Pedro Lessa escolheu para narrar. E, em seguida, refletir a respeito do lugar criado por Pedro Lessa para aquele que teve “uma vida simples, e ao mesmo tempo exemplar” (LESSA, 1913: 121).

O texto de Pedro Lessa não tem notas e nem referências, por isso não somos informados a respeito de quais foram as fontes que ele consultou para preparar a sua conferência. Sabemos, contudo, que os amigos de Lisboa, Luís Carlos Pereira de Castro e Antônio Henrique Legal, revisaram e publicaram, após a sua morte, as suas obras em quatro volumes. O primeiro deles dispõe ainda de uma biografia escrita por Henrique Leal. Talvez Pedro Lessa não tenha lido os quatro volumes integralmente, mas certamente leu a biografia, à qual ele se reporta algumas vezes.

²⁰ Paolo Agostinho Cantú (1878-1943) nasceu em Milão na Itália, chegou ao Brasil em 1908 quando foi contratado pela Conservatório Dramático e Musical de São Paulo. Em 1952 é aprovado na Câmara Municipal de São Paulo o projeto de lei nº 405/52. Tal projeto denomina uma das ruas do Butantã como Agostinho Cantú. Disponível em: <http://www2.camara.sp.gov.br/projetos/1952/00/00/0A/5T/00000A5TU.PDF>.

²¹ Em *Arqueologia do Saber*, Michel Foucault explica como fazer a análise arqueológica por meio das formações discursivas e da função enunciativa. Ao identificar um objeto, Foucault analisa quais enunciados estão presentes e quais estão ausentes em um extenso *corpus documental* e, por meio desse jogo enunciativo, o autor identifica quais conceitos, estratégias, atualizações e transformações o objeto sofreu ao longo do tempo. O objetivo desse texto é menos ambicioso, ao pensar com Foucault será possível investigar qual história Pedro Lessa atualiza ao estudar João Francisco Lisboa.

Num primeiro momento, Pedro Lessa narrou a trajetória, a formação intelectual e moral, o envolvimento com a política e os periódicos nos quais João Francisco Lisboa foi redator para afirmar em seguida:

Aí está, senhores, a casta de homem com quem temos de avir, o crítico severo, frio e implacável das misérias políticas do Brasil, que minha malícia, ou antes, a minha inveterada maldade elegeu propositadamente, [...]. Ninguém me pareceu mais digno de ser lembrado nesta vil atualidade, e festivamente comemorado e exibido como um grande, luminoso e fecundo exemplo de jornalista e escritor, do que o “Timon Brasileiro”, o austero patriota João Francisco Lisboa. (LESSA, 1913: 133)

Pedro Lessa foi um dos homens da geração de 1870 que lutou contra a escravidão e idealizou o fim do sistema monárquico²². Naquele momento ele que não era mais estudante, mas um juiz do Supremo Tribunal Federal e lutava contra as imprudências do governo e as perseguições políticas, e defendia a liberdade de expressão (RODRIGUES, 1991). Por isso, Lisboa é para Lessa um exemplo de patriota “crítico”, “frio” e “implacável” com as “misérias políticas do Brasil”.

Assim como o biógrafo de Lisboa, Henrique Leal, Pedro Lessa elege o *Jornal de Timon* como o melhor trabalho de Lisboa. O periódico é “[...] todo consagrado ao estudo das eleições e dos partidos, e encerra uma artística fotografia dos usos e costumes eleitorais e da vida política da província do Maranhão, o que quer dizer que aí temos uma fiel miniatura do que então se passava, nesse assunto, em todo Brasil”. Com essa avaliação, Lessa também define o autor: “não é o político que escreve, é um filósofo e um historiador”. (LESSA, 1913: 133-134) e oferece aos ouvintes, em uma citação de Lisboa, um exemplo de sua “filosofia” “amarga e pessimista”:

A falta de energia na época em que vivemos, a ausência das capacidades, a nulidade ou degradação dos caracteres, por via de regra esquivos á honra e votados ao interesse, a extinção do senso moral e religioso; a indiferença para o bem e para o mal, o vício como para a virtude; o culto ao crime; a inercia e apatia com que assistimos os acontecimentos que em outros teriam resolvido o mundo; tudo isto inclinaria a crer que o desfecho se aproxima: - de nenhum modo. Ninguém creia que atrás dos homens atuais se ocultem outros diferentes; não é uma exceção que fere os nossos olhos, senão o estado comum dos costumes, das ideias e das paixões; é a grande e universal enfermidade do mundo que se dissolve. Se tudo mudasse amanhã como a proclamação de novos princípios, nada mais havíamos de ver, além do que estamos vendo: os devaneios destes, os furores daqueles, todos igualmente impotentes e infecundos. [...]. Um dia virá porvir possante e livre em toda plenitude da igualdade evangélica: mas ainda está bem longe, e muito, de todos os horizontes visíveis. Antes de ferir o alvo, e de atingir a unidade dos povos e a democracia universal, será mister atravessar a decomposição social, tempo de anarquia, de sangue talvez e de grandes sofrimentos por certo. A decomposição, sim, começou já; mas não está a reproduzir

²² O estudo mais recente a respeito da geração de 1870 é da socióloga Angela Alonso (2002).

dos seus germens ainda mal fermentados, o mundo novo e regenerado (LISBOA apud LESSA 1913: 134-135)

Após a longa leitura filosófica, “amarga e pessimista” de Lisboa, Pedro Lessa (1913: 136) afirma que a direção filosófica do autor “bem se casa com o trabalho do historiador”, pois Lisboa, ao narrar as histórias das eleições e dos partidos políticos de Maranhão, recuou no tempo e remontou às histórias das eleições desde a antiguidade, descrevendo a corrupção e a venalidade em várias épocas, começando por Esparta e Atenas, passando por Roma e chegando à Inglaterra, aos Estados Unidos, à França e à Turquia. Lessa, após a apresentação de Lisboa, pergunta à plateia, “qual o pensamento final de Timon, a sua conclusão, o desfecho de todo esse longo estudo acerca das eleições em eras tão remotas e em países tão diversos?” (LESSA, 1913: 139). E ele responde: o objetivo de Lisboa era mostrar que, apesar de todas as “misérias morais”, aqueles também foram períodos de “grande esplendor nas letras e nas artes” e Lessa continua: “ao passo que nós, os brasileiros, só nos assinalamos por essas ignóbeis cenas de nossa vida política” (LESSA, 1913: 139).

Pedro Lessa estava tão descrente com a política nacional quanto Lisboa em sua época, e o que ele encontrar ao ler os costumes políticos e os processos eleitorais no *Jornal de Timon* é:

Em substância [...], o primeiro volume do Jornal de Timon é um perfeito transunto dos costumes políticos e dos processos eleitorais, não direi do Brasil naquele tempo, mas de toda América Latina, em todo este longo período, que ainda perdura, de aprendizagem do regime constitucional [...] ficamos em dúvida sobre se temos diante dos olhos acontecimentos dos primeiros tempos do Império, ou dos primeiros anos da Republica no Brasil, ou fatos quase habituais do Peru, do México, de Costa Rica ou do Haiti (LESSA, 1913: 140-141).

Estudar as obras de João Francisco Lisboa era tratar das vergonhosas histórias de corrupção política. E Pedro Lessa enxergava nos trabalhos de Lisboa uma escrita de história patriótica, pois durante tantos anos ele “pelejou indefesamente em favor das ideias extraordinárias, exóticas, inacreditáveis, em nosso meio social”, afirmando que:

[...] o governo e a administração pública competem aos mais notáveis pela inteligência, pelo saber e pelo caráter; os homens que governam, devem subordinar-se as leis, e respeitar as liberdades e os direitos dos cidadãos; diante das autoridades, especialmente no começo dos governos, não se desfaçam os indivíduos em salamaleques, lisonjas e aviltantes humilhações, bem como sobretudo no fim dos governos, não se desentranhem tão pouco aleivosias, convícios e calúnias, cumprindo-lhes em qualquer tempo, absterem-se de conspiração e de revoltas (LESSA, 1913: 164)

Apesar da filosofia “amarga e pessimista”, o que Lisboa idealizava e desejava era um Brasil governado por homens que se destacassem pela inteligência, pela honestidade e pelo caráter. Pedro Lessa também tinha o mesmo desejo para o Brasil, mas só poderia descrever um país onde sobressaia “o cretinismo em suas mais expressivas revelações, a suprema inconsciência e o completo e desnudado impudor, a servirem as ambições do mais rombo, estéril e envilecido egoísmo” (LESSA, 1913: 164). Talvez por isso, ao final da conferência, Lessa tenha comparado João Francisco Lisboa ao “aparecimento da sombra de Banquo em meio do festim de Macbeth” (LESSA, 1913: 165). Retomar a tragédia de William Shakespeare, *Macbeth*²³, que trata da importância da justiça e do vil destino daqueles que querem estabelecer a desordem, pareceu muito oportuno a Pedro Lessa. Ao comparar a personagem Banquo com Lisboa, Lessa criou um lugar para o historiador maranhense, aquele homem cujo nascimento e morte não motivaram comemorações no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e cujas histórias beiraram ao esquecimento. Lisboa, nesse lugar construído por Lessa, só poderia ser uma sombra para aquele presente e, talvez, Lessa quisesse vê-lo assombrando e enlouquecendo todos os governantes daquela “vil atualidade”, assim como Banquo fez com Macbeth.

²³ A tragédia de Shakespeare foi escrita entre 1605 e 1606. A história acontece na Escócia, Macbeth e Banquo são generais do exército do Rei Duncan, o qual foi informado que, na última batalha, provocada pelo Barão de Cawdor, Macbeth lutou bravamente como um verdadeiro herói. Então, o rei decide que, em nome da justiça, Macbeth se tornaria o novo Barão de Cawdor.

Macbeth e Banquo estavam voltando da última batalha vitoriosa quando foram abordados por três bruxas que, como só queriam causar a desordem, contam para Macbeth que ele será o novo Barão Cawdor e ainda dizem que, em breve, ele seria o Rei da Escócia. Já Banquo nada seria, mas seus herdeiros assumiriam, no futuro, o trono. Macbeth fica surpreso, porém suspeita que as bruxas apenas estivessem mentindo. Mais tarde, em um encontro com o Rei Duncan, Macbeth descobre que ele será o novo Barão de Cawdor, o que o faz acreditar na profecia das três bruxas.

O Rei Duncan consolidaria as honras do título de nobreza em um jantar na residência de Macbeth, que, ao chegar em sua casa, conta toda a história para sua esposa, Lady Macbeth. Em seguida eles organizam o jantar e planejam o assassinato do Rei. O Rei Duncan chega acompanhando por nobres e seus dois filhos. Após o jantar todos recolhem-se para descansar, exceto Macbeth e sua esposa, que matam o rei e espalham o sangue nas mãos dos empregados. Na manhã seguinte, descobrem que o Rei está morto e os filhos fogem com medo de também serem assassinados. Deste modo, a profecia das três bruxas foi concretizada e esse é o início da grande desordem e injustiça na Escócia.

Macbeth lembra que as três bruxas disseram à Banquo que os seus herdeiros seriam os sucessores do trono, então ele manda três assassinos persegui-los na floresta e matá-los antes da cerimônia de sua posse. Os três assassinos matam Banquo e o seu filho consegue fugir. Ao cair da noite, Macbeth estava reunido com mais alguns nobres quando a sombra de Banquo invade o salão e senta-se em seu lugar, nada diz, permanece alguns instantes e desaparece. E, a partir daquele momento, Macbeth começa a enlouquecer.

Referências bibliográficas:

Fontes:

ACTAS DAS sessões realizadas no ano de 1912. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXXV, parte II, p. 221-583, 1913.

ACTAS DAS sessões realizadas no ano de 1913. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, Tomo LXVI, parte II, p. 471-690, 1914.

LESSA, Pedro. João Francisco Lisboa (conferencia). Rio de Janeiro: Typ. do “Jornal do comércio” de Rodrigues & C. 1916, p. 119-165.

Bibliografia:

ADVÍNCULA-MIGUEL, Nárllel Dayane. *Discurso e representações da memória no manifesto O visconde de Ouro Preto aos seus concidadãos, do Visconde de Ouro Preto (1891)*. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Ouro Preto: Ouro Preto, 2014.

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ÂNGELO, Ivan. *85 anos de cultura: história da Sociedade de Cultura Artística*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

ARTES E ARTISTA. In: *Estado de S. Paulo*. 27 mar. 1913. Disponível em: <http://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19130327-12517-nac-0002-999-2-not/busca/Pedro+Lessa>. Acessado em: 10 jun. 2015.

AZEVEDO, Elizabeth Ribeiro. Conservatório Dramático e Musical de São Paulo: pioneiro e centenário. *Histórica*: revista on-line do arquivo público do Estado de São Paulo, 16 nov. 2006. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/historica/edicoes_anteriores/pdfs/historica16.pdf. Acessado em 11 jun. 2015.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Marquês de Paranaguá – Ensaio biográfico de Chico Castro*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2009. (Série perfis parlamentares). Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/documentos-e-pesquisa/publicacoes/edicoes/secoes-do-catalogo-nova/perfis-parlamentares>. Acessado em 9 jun. 2015.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. *Projeto de Lei 405/52*. Disponível em: <http://www2.camara.sp.gov.br/projetos/1952/00/00/0A/5T/00000A5TU.PDF>. Acessado em 14 jun. 2015.

CARVALHO, José Murilo. Introdução – Lisboa e Timon: o drama dos liberais do império. In: LISBOA, João Francisco. *Jornal de Timon: partidos e eleições no Maranhão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 8 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Contra o deserto dos esquecidos. In: _____. *Da Escola Palatina ao Silogeu*: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1889-1938). Rio de Janeiro: Museu da República, 2007, p. 79-94.

GOMES, Joaquim de Oliveira. *Jornal de Tímon e Incidente de antares*: perspectivas históricas, sociais e políticas em dois momentos da literatura brasileira. 2003. Dissertação (Mestre em Literatura). UNESP: São José de Rio Preto, 2003.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. *João Francisco Lisboa*: jornalista e historiador. São Paulo: Ática. 1977.

LOURENÇO, Mariana Simões. *Do acervo ao livro*: As publicações do Arquivo Nacional (1886-1922). 2014. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense: Niterói-RJ, 2014.

MADUREIRA, Vicente Antônio Rodrigues. José Cândido de Moraes e Silva: outras histórias (1828-1831). *Outros Tempos*, v. 6, nº 8, dez/2009, p. 75- 95. Disponível em: <<http://www.outrostempos.uema.br/vol.6.8.pdf/Vicente%20Madureira.pdf>>, acessado em 04 jun. 2015.

MARCHETTI, Maurizio. Alberto Salles: Direito como função permanente. In: _____. *O Estatuto do direito no comtismo brasileiro*. 2001. Dissertação (Mestrado em Filosofia). UNICAMP: Campinas-SP, 2001, p. 83-137.

O QUE SOMOS e o que queremos? *O Federalista*: o periódico republicano. São Paulo, 5 abr. 1880.

PEREIRA, Gomes Manoel (Org.) *Barão do Rio Branco*: 100 anos de memória. Brasília: FUNAG, 2012.

RODRIGUES, Lêda Boechat. *História do Supremo Tribunal Federal*: defesa do federalismo (1899-1910). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

SHAKESPEARE, William. *Macbeth*. Trad. Beatriz Viégas- Faria. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SILVA, Vicentônio Regis do Nascimento. *Vossa excelência, Vossa senhoria, Excelentíssimo senhor e Prezado amigo*: considerações dobre a correspondência de Clóvis Bevilaqua. 2009. Dissertação (Mestrado em História). UNESP: Assis-SP, 2009.

LIMA, Alcides de Mendonça. CPDOC: Rio de Janeiro. Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIMA,%20Alcides%20de%20Mendon%C3%A7a.pdf>. Acessado em 12 jun. 2015.